

NaRede é uma publicação da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas (Faartes/Ufam), no âmbito do projeto de extensão "Comunica Faartes".

Coordenadores: Prof. Dr. João Gustavo Kienen e Profa. Dra. Lucyanne de Melo Afonso

Editor e jornalista responsável: TAE Me. Rosiel Mendonça

Diagramação e identidade visual: Darc Anne Ferreira (Bolsista)

Textos: João Gustavo Kienen, Lucyanne de Melo Afonso, Susã Alves, Rosiel Mendonça e Alexandre Castro

EM DESTAQUE

Bacharelado em Música já é realidade na Ufam



A Faartes e a Comissão Permanente de Concursos (Compec/Ufam) lançaram o edital do Processo Seletivo Especial de Ingresso nos Cursos de Graduação em Música - Bacharelado e Licenciatura (PSEMus). São ofertadas 50 vagas, exclusivamente para o ano letivo de 2022, sendo 34 vagas para a Licenciatura e 16 para o Bacharelado, distribuídas entre as habilitações de Regência, Piano, Violino, Violão, Canto Lírico e Flauta Transversal.

As inscrições vão até o dia 11 de julho, pelo site compec.ufam.edu.br.

O Processo Seletivo será realizado em duas etapas: a primeira é a avaliação de Conhecimentos Gerais e Redação, e a segunda etapa é a avaliação de Habilidades Específicas.

O Bacharelado em Música, em especial, é uma conquista para a Faculdade de Artes da Ufam, que iniciou o processo de criação do curso em 2018. Agora, a classe artística do Amazonas terá mais uma oportunidade de formação e aperfeiçoamento profissional na área de performance musical.

Turmas de Artes Visuais EaD em Itacoatiara e Tefé colam grau



Em solenidade presidida pelo reitor Sylvio Puga, no dia 19 de maio, receberam a outorga de grau 25 finalistas do curso de Licenciatura em Artes Visuais EaD, dos polos Itacoatiara e Tefé, ofertado pelo Centro de Educação a Distância (CED) e pela Faartes.

Os novos licenciados são: Adriana de Queiroz Alves Cruz, Aline dos Santos Libório Leal, André Niedersberg de Avila, Andresa Lamarão Neves, Berenice de Castro Herculano Silva, Carlos Arimateia da Silva Oliveira, Elionete Paulino Grau, Eriete Medeiros da Silva, Erissandra Almeida da Silva Grana, Francisco de Oliveira Reis, Gilcimar da Silva Rolim, Gloria Rodrigues Nascimento, Joice de Souza Fernandes, Jose Roberto Reis de Lima, Leide Maria Lima Colares, Leila Lima Siqueira, Nilciana de Azevedo Jacauna, Rafael Neves de Souza, Robervania Rego Dinelli, Suellen Lays Neves Monteiro e Vanessa Adriane Moraes Dourado Gama (Itacoatiara); Andreia Barroso Ferreira, Daniele de Souza Queiroz, Ismael Satiro Seabra e Maria Socorro Queiroz Alfaia (Tefé).

Acolhimento no Centro de Convivência tem participação da Faartes



O Centro de Convivência do Setor Norte voltou a ter a movimentação de costume com o início do novo período letivo. De 30 de maio a 03 de junho, a comunidade acadêmica aproveitou diversas atividades que aconteceram no local, com a 33ª edição do Villa Ludos, que promoveu jogos, competições e outras ações de economia criativa.

A programação artística e cultural teve participação expressiva de discentes e docentes da Faculdade de Artes, com a realização de oficina de macramê, mostra e workshop de cerâmica artesanal (Coletivo Maii e Laboratório de Cerâmica), apresentação do Coro de Câmara da Osufam, reabertura da Galeria de Arte da Ufam (GAU), além de apresentações musicais.

Um dos momentos marcantes foi o “baile” Duelo Shaolin: Art Atraky, no último dia, que deu prêmios nas categorias Pop Art Runway e Vogue Performance with a Prop. A competição está ligada ao movimento ballroom, manifestação cultural surgida na comunidade negra latinoamericana da Nova York dos anos 60, que se espalhou pelo mundo como um movimento político de ocupação de espaços e de celebração à diversidade de gênero, sexualidade e raça.



+MAIS

CATEGORIA ORGANIZADA

A cerimônia de lançamento da Associação de Arte Educadores do Amazonas (AAMARTE) aconteceu no dia 21 de maio, no auditório da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT/UEA). A entidade é um coletivo que tem por objetivo representar a classe profissional dos arte educadores do estado. Os/as associados/as são Licenciados/as em Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Educação Artística, que têm em comum o desejo de unir forças para superar as adversidades impostas ao ensino das Artes no Amazonas.



CULTURA POPULAR

A série de posts “Minha arte em Parintins”, no Instagram da Faartes (@faartesufam), celebrou o Festival Folclórico e os artistas que fazem o boi-bumbá acontecer, especialmente os egressos e egressas dos cursos de Artes da Ufam. Tony Medeiros, Neil Armstrong, Djane Sena e Ericky Nakanome estão entre os homenageados.



PERFORMANCE

A Faartes/Ufam recebeu, no início de junho, a estreia do novo espetáculo do performer amazonense Francisco Rider, um rito teatral-performativo que apresenta uma pessoa solitária num estágio de nomadismo, vivenciando experiências que impactam seu corpo e seu modo de se relacionar com o mundo. A conversa com o público após o espetáculo teve mediação da escritora Pollyanna Furtado.



RECONHECIMENTO PARA PESQUISA SOBRE RECITAIS INTERATIVOS

Um projeto desenvolvido pelo Instituto de Computação (IComp/Ufam) e pela Faculdade de Artes ganhou reconhecimento durante o 16º Simpósio Brasileiro de Sistemas Colaborativos (SBSC), realizado em abril. O artigo “Coffee Break Virtual: uma experiência musical interativa e colaborativa” ficou em primeiro lugar na categoria Artigos de Pesquisa, sendo o “best paper” desta edição do evento.

O projeto propõe a possibilidade de interação do público em concertos e recitais de música por meio da utilização de tecnologia em tempo real. O resultado do estudo piloto mostrou maior interação, entusiasmo e engajamento dos participantes durante a dinâmica.

Participam da pesquisa: João Gustavo Kienen, diretor da Faartes; Bruno Gadelha, Rosiane de Freitas e Thais Castro, professores do IComp; Genildo Gomes, doutorando do Icomp; e Carlos Araújo e Gustavo Martins, alunos de graduação do Icomp.



Manauara Clandestina

(@manauaraclandestina)



Manauara Clandestina é uma jovem artista cujo trabalho dialoga com novas perspectivas da vida travesti e questiona as suas condições de existência, imprimindo laços de afetividade a partir de um olhar íntimo e sensível.

Em 2020, ela foi selecionada pelo Instituto Inclusartiz para uma residência artística em Londres, fruto de parceria com a Delfina Foundation, onde desenvolveu o projeto “Por enquanto 35”.

Recentemente, esse trabalho pôde ser visto, junto com “Memórias de retorno”, na exposição “Composições para tempos insurgentes”, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Na entrevista a seguir, ela conta como criação e experiência de vida se misturam em sua (ascendente) trajetória nas artes visuais, na performance e também na moda.

De onde vem Manauara Clandestina?

A Manauara Clandestina é uma travesti preta que nasceu na Alvorada, mas que foi criada em Nhamundá e outros interiores, como Cutipanã, em Presidente Figueiredo também, por conta dos meus pais serem pastores evangélicos missionários. Eu fui ensinada a ser uma artista desde pequena, tanto cantando quanto atuando. Hoje eu desenvolvo um trabalho não só visual, mas também de moda.

Como define a sua linguagem e pesquisa artística?

Eu não consigo definir a linguagem que eu tenho. A linguagem que eu desenvolvo começou de uma maneira muito marginal e dentro de uma cidade onde eu precisava me alimentar, pagar meu aluguel, e em algum momento eu tive a oportunidade de começar a me apresentar em performances na noite. Depois disso muitas coisas aconteceram, como eu começar a ser modelo e dirigir arte dos desfiles também. De uma maneira mais direta, trabalho com audiovisual, moda e faço performance.

O meu trabalho tem dialogado bastante com a questão da imigração, tanto que em Londres e em Barcelona eu iniciei pela primeira vez um upcycling sobre essa questão e criei minha coleção de moda em relação a isso. Meu trabalho também atravessa o lance do consumo, de um consumo mais consciente.





Memória de retorno (2021): roupas costuradas e coladas



Por enquanto 35 (2019-2021): série de 73 retratos em fotografia instantânea

Conte mais sobre a sua residência em Londres em 2020 e o desenvolvimento do projeto “Por enquanto 35”.

“Por enquanto 35” surgiu de uma maneira espontânea, não comecei os retratos pensando no resultado de um projeto. O trabalho é um questionamento do nosso tempo de existência aqui no Brasil, da nossa estimativa de vida, o que é muito triste e muito sério, que é o máximo de 35 anos para uma travesti.

A residência foi muito importante para mim, o edital era voltado para artistas do Norte do Brasil, e me senti muito honrada porque entre tantos artistas incríveis que enviaram os seus projetos o meu foi selecionado para representar o Norte, então isso acabou ajudando muito na minha autoestima também.

A verdade é que eu fui pra lá para desenvolver o “Por enquanto 35”, mas além disso ir pra Londres me deu uma energia forte para fazer uma outra pesquisa, que foi o que aconteceu em Barcelona. Eu fiz o primeiro protótipo, a primeira roupa em Londres, que era uma pesquisa de algo que já vinha chamando minha atenção, que são as roupas de trabalhadores da construção civil.

Penso nessas roupas também como símbolo de imigração, porque a maioria dos que trabalham nessa área são imigrantes, assim como na construção de São Paulo, e através disso fui analisando e questionando as coisas nessa construção da estética da roupa, através do upcycling, e acabei indo pra Barcelona para desenvolver esse projeto que se chama “Migranta” e nasce dentro do ateliê, com artistas imigrantes que se juntaram a mim lá em Barcelona.

A exposição “Composições para tempos insurgentes” ficou sete meses em cartaz no MAM do Rio. Foi significativa a presença de uma artista amazonense, negra e travesti nessa mostra?

“Composição para tempos insurgentes” foi algo muito precioso pra mim porque foi quando voltei da Europa e fiquei trabalhando no Rio de Janeiro por dois meses terminando a minha residência. O Aldones Nino, que é um curador com quem trabalho diretamente, me apresentou à Beatriz Lemos, curadora [adjunta] do MAM, e quando a gente conversou ela falou que tinha planos de fazer uma exposição no MAM e que meu trabalho tinha a ver. A conversa não acabou ali, continuamos a comunicação e surgiu o convite.

Eu fico feliz porque a arte e o artista amazonense passam por um processo de apagamento e regionalismo, então o artista nacional dentro dessa nomenclatura normalmente é um cara sudestino, e o artista amazonense, do Norte, é um artista regional, então sempre tento romper com esses limites que nos impõem por conta do racismo, da transfobia e desse separatismo, porque eles [os sudestinos] lutam pra se manter entre eles, se beneficiando entre si.

Tem dialogado com outros(as) artistas de Manaus?

Tenho contato com alguns artistas do Amazonas mas que são meus amigos, na verdade, como a Keila Serruya, a Uyra Sodoma, a Rafaela Kennedy, Rosa Cascavel, Auá Mendes...

São pessoas que são do meu reduto de afetividade, mas não sou uma grande conhecedora das pessoas em geral que estão fazendo arte em Manaus, não vou ser hipócrita de falar isso, porque já estou há muito tempo fora, já estou há quase uma década morando no Sudeste em meio a essas idas e vindas de outros territórios, então não estou tão ligada quanto gostaria de estar, mas estou aberta a convites que me levem a desenvolver meu trabalho no Amazonas.

A moda também é um campo de atuação para você. Como é sua colaboração com a estilista Vicenta Perrotta?

Tenho uma relação de muitos anos com a Vicenta. Eu comecei como modelo dela e depois passei a desenvolver um trabalho muito precioso com ela, trabalhando com upcycling, com pessoas trans dentro da moda, repensando o consumo e essa moda, questionando a branquitude e a forma que a moda nos é colocada.

Pra mim, é um terreno muito fértil pra trabalhar porque fui desenvolvendo trabalhos que, apesar de saber que eu tinha uma força pra estar fazendo, eu não tinha espaço, então descobri que sou uma boa diretora criativa através desse trabalho com a Vicenta.

Pretendo continuar, acho que a moda é uma das plataformas que mais curto de trabalhar desde pequena e que tenho muita força por gostar de fazer isso.



foto: FORT Magazine

DICAS



4 dicas essenciais para escrever músicas

1) Não há jeito certo de compor

Você tem liberdade total de fazer o que quiser e errar quantas vezes quiser, porque não existe jeito certo, nem canção certa. É por isso que sempre revisamos nossas letras e músicas depois de um tempo de molho. Com esse distanciamento de alguns dias, é possível perceber o real potencial da canção ou letra.

2) Faça algo diferente

Antes de compor, é ótimo tentar alimentar sua inspiração musical. Para gerar ideias diferentes, você precisa fazer coisas diferentes. Até mesmo coisas simples como andar em um parque que você nunca foi ou andar pela rua da sua casa funcionam bastante.

3) Use um software de composição

O software de composição musical pode ser o melhor amigo de um músico. Esses programas ajudam no processo de escrita, organizando o trabalho e permitindo que você veja o que você está tocando.

4) Faça colaborações e parcerias

Se você está passando por aquele período de bloqueio criativo, uma boa ideia é a de fazer colaborações ou parcerias com outros músicos para ganhar uma nova perspectiva do seu trabalho e ter novas experiências, que podem acrescentar no seu processo de composição.



Dossiê

MULHERES E ARTE SEQUENCIAL:
elas pesquisam, elas produzem

VOLUME 16

Danielle Barros Silva Fortuna
Maíara Alvim de Almeida
Cátia Ana Balduino da Silva
Nataly Costa Fernandes Alves
(organizadoras)

DESEN
REDOS

Cegraf UFG

Mulheres e quadrinhos - O Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), em parceria com a Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS), lançou o volume 16 da Coleção Desenredos, em formato virtual. O e-book "Dossiê Mulheres e Arte Sequencial: elas pesquisam, elas produzem" contém textos acadêmicos de algumas das pesquisadoras da ASPAS bem como a produção de diversas quadrinistas brasileiras. [Baixe aqui](#).



Ana Mae Barbosa
Rejane Galvão Coutinho
Heloisa Margarido Sales

'Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula'- Este livro de Ana Mae Barbosa, Rejane Galvão Coutinho e Heloisa Margarido Sales é o resultado de uma pesquisa de dois anos feita pelos educadores sobre a utilização dos materiais preparados pelos profissionais ligados aos projetos do Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo. A pesquisa apresentou resultados positivos, mostrando a necessidade de investimento das instituições culturais na capacitação de professores, o que torna produtiva e significativa a mediação entre elas e os visitantes.

MEMÓRIA DAS ARTES

Saindo da 'casca': Quem é Otoni Mesquita?

Ele é Otoni Moreira de Mesquita, um homem agora de 69 anos, que nasceu na beira do Rio Autaz e vive em Manaus desde um ano e meio de idade. É de uma família humilde, estudou em escolas públicas, trabalhou desde os 15 anos de idade, de office boy a outras atividades. Aprendeu e se envolveu com a cidade, ainda que antes disso já desenhasse desde a primeira infância, inclusive antes de escrever já tinha essa ligação com as imagens, e basicamente é isso que vai conduzi-lo para a Comunicação - por uma limitação, na verdade, porque ele queria fazer Artes e aqui não havia um curso de Arte na Universidade do Amazonas.

Ele fez Comunicação porque era lá que se concentravam todos aqueles que tinham uma formação um pouco mais variada. Tinham pessoas de artes em geral, teatro, música, e isso foi muito bom para sair um pouco da casca. Foi o início de um processo de desinibição. Basicamente, ele era essa pessoa que continuava ainda em busca do seu sonho, que a princípio era fazer Belas Artes, ainda que tenha feito Jornalismo na Universidade do Amazonas.

Depois de concluído o curso [de Jornalismo] e depois de concursado num concurso público federal, ele abdicou disso em função de uma pequena bolsinha para viver no Rio de Janeiro e fazer aquilo que queria, e foi a coisa mais certa. Foi um período de dureza, mas de grandes realizações, de grande produção.



Otoni Mesquita

Professor aposentado da FAARTES



Início na docência

Minhas experiências como professor da Ufam ocorreram a partir do primeiro semestre de 1984, eu tinha voltado em 1983 do Rio de Janeiro e antes tinha sondado com a Socorro Santiago, que era a pessoa que coordenava o departamento, que não era nem ainda o de Educação Artística, porque eu havia saído daqui com uma bolsa da universidade e acreditava que aquela bolsa me obrigava a prestar serviços para a universidade quando voltasse, mas não era bem assim. Caso necessitassem, eu deveria me submeter a um concurso, mas naquele momento, ainda com muitas limitações, não havia nenhum professor concursado na área, foi aberto concurso somente depois, no meio do ano. Inicialmente, eu fui contratado como professor, acho que era colaborador, era um contrato acredito que de seis meses, mas foi o período muito rico, tive que trabalhar e aprender muito juntamente com os alunos.

Fiquei responsável por disciplinas diferenciadas, então eu tinha que estudar de manhã, de tarde e de noite, o que me ajudou bastante para o concurso que aconteceu no final daquele semestre. Eu fiquei em primeiro lugar, havia quatro candidatos, e na verdade o concurso era para

resolver a situação de uma professora que era irmã da secretária do reitor, e ela ficou em quarto lugar. Esse concurso gerou um quiproquó danado, porque eu tinha estado em manifestação contra o reitor na porta da reitoria, e resolveram perseguir todos aqueles que estavam nas manifestações, inclusive eu, que tinha sido concursado e eles não permitiam homologar o meu concurso. Por causa disso, meus alunos ficaram sem aula por dois meses até que a coisa fosse solucionada, então isso gerou uma pequena dificuldade com a minha entrada oficial na Ufam, que aconteceu em setembro de 1984, com toda dedicação e cobrança também, porque era tudo meio a ferro e fogo.

Eu estava vindo da Escola de Belas Artes [no Rio de Janeiro], onde havia todo um povo CDF, dedicado e que queria muito fazer artes. Eu acreditava que todo mundo que estava lá também queria a mesma coisa, mas não era bem assim. O curso [na Ufam] era uma licenciatura ainda em formatação, eu trabalhei muito nas ementas das primeiras disciplinas que estavam sendo reformatadas, era um super aprendizado, para mim foi fantástico, muito puxado, mas que me fez crescer bastante e tomar posicionamentos, inclusive reivindicatórios, confrontar, enfim.



Experiências aplicadas em sala de aula

Como eu disse, isso não foi muito fácil, assim como ser crítico no processo, o que eu acreditava ser fundamental como papel de um educador, que era cobrar e fazer com que os estudantes dessem o melhor, eu fazia muito esforço nesse sentido. Essas são talvez as minhas primeiras experiências, e eu fui descobrindo, fui implantando coisas a partir das minhas práticas artísticas e observações.

Introduzi alguns aspectos no curso que eu não havia encontrado no meu curso na Escola de Belas Artes, onde você já entrava em geral como artista, então não havia necessidade de uma série de coisas introdutórias. Aqui, de certa forma, eu tive que elaborar alguns exercícios, muitos exercícios, aliás, em várias disciplinas. É lógico que todas elas eram muito aparentadas, como Desenho Artístico I e II, Técnicas Industriais, Introdução ao Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho de Modelo Vivo e Desenho Anatômico.

Isso me deu uma liga forte, e eu também continuava mantendo contatos com o Rio nas férias, eu ia e fazia cursos, me atualizava nos cursos de férias do Museu de Arte Moderna, todo início de ano eu ia para o Rio e fazia três ou quatro cursos – aquarela, madeira, pintura – assim também como eu fui fazer curso de restauração em papel no festival de São João del-Rei, tudo muito em função das práticas a serem aplicadas.

Muitas vezes, essas práticas ou obrigações das disciplinas na universidade limitaram um pouco a minha produção, até viagens – cheguei a abrir exposição individual no Rio de Janeiro e eu não estava lá, porque eu levava o trabalho na universidade muito a sério, não podia perder aula, até viagem do exterior eu voltava correndo porque não dava para ficar. De qualquer forma, essas coisas também me modelaram bastante e contribuíram muito.

“TODO ESFORÇO QUE EU FIZ NO SENTIDO DE MODELAR E CRIAR ALGUMAS COISAS, EU DESCOBRIA MUITAS VEZES QUE O MAIOR BENEFICIÁRIO DAQUILO, DAQUELE ESFORÇO, ACABAVA SENDO EU MESMO. SEMPRE ACHO QUE SE UMA SITUAÇÃO EXIGE ESFORÇO, QUEM GANHA É QUEM FAZ.”

Por isso, a universidade contribuiu em grande parte com a minha formação, porque me permitiu sair para fazer o mestrado e depois o doutorado.

Eu diria que, com todos os empecilhos, dificuldades e perneadas que tenham acontecido no meu caminho, foram coisas que me ajudaram a voar mais alto, isso eu tenho que agradecer até mesmo às pessoas que tenham tentado talvez dificultar o meu trajeto, a minha trilha. Isso é importante reconhecer depois de um longo tempo, de longas reflexões.



Administrador e professor polivalente

Administrei e fui o primeiro chefe de departamento, e eu tinha uma dedicação exclusiva nisso, até dormia com os documentos, andava com uma pasta pra cima e pra baixo reivindicando as contratações na universidade, brigando com o sub reitor, e foi estafante, porque confesso que sou compulsivo em qualquer coisa que eu faça, tentei e fiz o máximo que pude.

Sempre impliquei muito, e tive oportunidade de ver isso na universidade bem recentemente, com as dificuldades encontradas, porque você não está no primeiro mundo, você sempre tem que ter mais que uma carta na manga, uma série de pequenas coisas que atrapalham o cotidiano da universidade, e ainda é essa a minha leitura da universidade.

Mas acho também que essas dificuldades e improvisos nos tornam mais versáteis, nos tornam polivalentes, somos capazes de fazer mais coisas do que todos aqueles que têm muito mais condições, têm a sala equipada com todo o material, mas que também acabam ficando muito limitados com esse condicionamento e comodismo do menor esforço.

Pode soar um pouco torto isso, mas quero dizer que esse aprendizado também se ganha na prática do improviso, e isso eu senti muito na universidade.

Depois concluí que eu queria distância dessas questões, porque sendo eu um artista e parcialmente um professor, penso que aquelas questões administrativas e burocráticas não se adequam à minha pessoa. O meu trabalho artístico e a ministração de aula eram algo para o qual eu não tinha substituto naquele momento.

Até então, nós tínhamos um quadro muito pequeno, muito tímido, que foi ganhando um corpo no decorrer do curso. Eu sempre clamo por isso, penso que a formação do professor não termina numa graduação, é necessário cursos, viajar, conhecer, trazer e buscar experiências. Isso eu fiz muito, e como eu disse, na verdade, essas coisas contribuíram para a minha formação de professor e artista.

Arte que reverbera e transforma

A primeira coisa é não perder a essência da arte, das referências, das tradições. A arte não começou em 2000, é fundamental olhar para trás e recuperar as informações, ainda que possamos atualizar muitas coisas, não podemos perder essa relação em todos os campos da arte, em todos os gêneros; é fundamental conhecer e, a partir daí, desenvolver.

É ter um senso histórico, sem perder a noção do lugar onde estamos, não há como ignorar que estamos na Amazônia, então

é preciso valorizar isso muito mais, não somente a paisagem; os povos nativos, as miscigenações, a própria cidade, tudo integra esse contexto.

Um artista e professor não pode ser alienado, ele precisa estar informado para que possa, na medida do possível, esclarecer e ajudar na compreensão do mundo. A arte também tem esse papel, não é apenas uma decoração, um embelezamento estético. A arte é fundamental na vida das pessoas, e elas precisam dar sentido a essa arte. A arte precisa reverberar e transformar, fazer com que a sociedade se torne mais sensível, mais harmônica, esse é o papel da arte, do artista e do professor.

O professor precisa ler mais, precisa ver, e não é apenas na sua área específica, é preciso ir para a ópera, para o cinema, para o teatro, para a música, para todas as linguagens, porque tudo está interligado e uma coisa pode complementar e apoiar a outra. Essa integração artística enriquece a todos, inclusive a sociedade.



DÁ UM GOOGLE



Trilha oficial da Copa do Mundo Fifa 2022 - Futebol e música são a combinação perfeita para uma celebração verdadeiramente mundial. A Copa do Mundo do Catar está chegando, e a trilha sonora oficial do evento apresentará uma coleção de várias músicas, com artistas internacionais de diversos gêneros musicais. “Hayya Hayya” (Better Together), dos artistas Trinidad Cardona, Davido e Aisha, foi o primeiro single divulgado.

Vocalista e piloto aposentado - A banda de rock Iron Maiden passará por quatro cidades em sua turnê pelo Brasil, a partir de agosto: Curitiba, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro e São Paulo. Uma curiosidade sobre a banda é que o vocalista Bruce Dickinson também era o piloto do jato que transporta o grupo nas turnês, o Ed Force One. Mas, aparentemente, Bruce não assumirá mais o comando da aeronave. As diretrizes de aposentadoria da Federal Aviation Administration (FAA) e da Organização de Aviação Civil Internacional (ICAO) determinam que pilotos se aposentem aos 65 anos, idade que o músico completará em breve.



Eu inauguro o movimento... - O termo Tropicália surgiu como nome da obra de Hélio Oiticica (1937-1980) exposta na mostra Nova Objetividade Brasileira, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), em abril de 1967. A obra pode ser descrita como um ambiente labiríntico composto pelos penetráveis PN2 - Pureza É um Mito (1966) e PN3 - Imagético (1966-1967). “O ambiente criado era obviamente tropical, como num fundo de chácara e, o mais importante, havia a sensação de que se estaria de novo pisando na terra”, disse o artista. O conceito da obra encontrou eco em produções no cinema, teatro e música, que marcaram o chamado movimento tropicalista.

Azul na arte - No período Medieval, a Virgem Maria era frequentemente retratada vestida em um manto azul. A escolha da cor não era somente devido ao seu simbolismo religioso, associado à divindade, mas também ao seu valor material. O azul foi, por séculos, considerado uma cor nobre. Desde a Antiguidade, o custo da lapis lazuli (pedra afegã de onde era extraído o pigmento azul), rivalizava até mesmo com o preço do ouro.

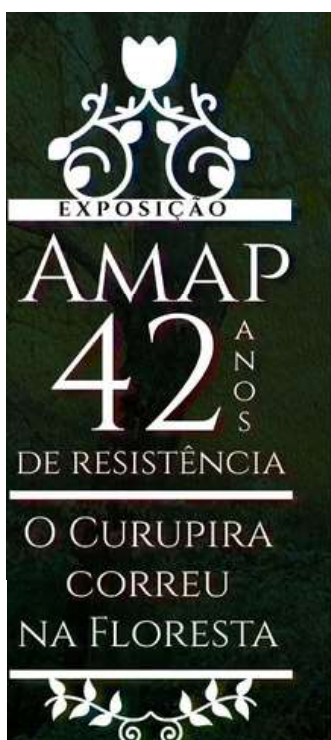


SE LIGA, HEIN!

Acervo do Nudac - Está em cartaz até o dia 02 de agosto, no Centro de Artes da Ufam (Caua), a exposição sobre o acervo do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac), que desenvolveu atividades no período de 1983 a 1995. De acordo com a professora Lia Sampaio, coordenadora durante aquele período, a mostra é uma consequência da luta pela conservação da memória do Núcleo, que representou a Ufam durante 17 anos, tanto em nível nacional quanto internacional, agregando um material que deve ser disponibilizado futuramente a profissionais e pesquisadores de dança.



GAU - A Galeria de Arte da Ufam (GAU), localizada no Centro de Convivência do Setor Norte, reabriu à comunidade universitária com a I Mostra Artística Visual. A exposição tem organização dos professores Mário Silva, Lília Valessa, Mariene Mendonça e Núbia Najár, e tem o objetivo de dar visibilidade ao trabalho artístico acadêmico desenvolvido no curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes (Faartes/Ufam). A GAU está aberta à visitação do público de segunda à sexta, de 14h às 17h.



28 de maio a
31 de julho de 2022

Centro Cultural Palácio Rio Negro
Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro, Manaus - AM
Terça-feira a sábado, das 9h às 17h



ALDEISY WAUGHAN | ALFREDO ARAÚJO
ELIZABETH GRUBINGER | EVANIL MACIEL
FRANCIMAR BARBOSA
HAMILTON VASCONCELOS GADELHA
JESSÉ ARAÚJO | JOÃO BOSCO
LAÍS FERNANDA BORGES
LUIZ ANTÔNIO | NAILSON NOVATO
NICOLY BRITO | PIETRO BRUNO
ROSEMBERG PRADO
SEBASTIÃO CANDIDO | SIDNEY SAMMER
Artistas

TURENKO BEÇA
Curador



Mostra Artística Visual

GAU
GALERIA DE ARTE DA UFAM



Professores organizadores

José Mário
Lília Valessa
Mariene Mendonça
Núbia Najár

Coletiva - Composta por 28 obras dos artistas associados à Associação Amazonense de Artistas Plásticos (AMAP), sob curadoria de Turenko Beça, a mostra "AMAP – 42 anos de resistência" conta com participação de 16 artistas e obras com temática sobre a Amazônia. Está em exibição no Centro Cultural Palácio Rio Negro (av. Sete de Setembro, Centro) até 31 de julho.